



O Jornalismo Literário e a Mídia Sonora: estudo sobre o programa Conte Sua História de São Paulo, da Rádio CBN¹

Monica Martinez
UniFIAMFAAM/ABJL, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo aborda a questão do Jornalismo Literário na mídia sonora. O corpo da pesquisa consiste em 52 histórias de ouvintes-internautas exibidas no ano de 2009 no quadro *Conte Sua História de São Paulo*. Este programete é transmitido aos sábados, ao redor das 10h30, no programa *CBN São Paulo*, da Rede CBN, que tem como âncora o jornalista gaúcho Milton Jung. Do ponto de vista teórico, a autora revisa a literatura mais empregada sobre Jornalismo Literário, estabelecendo uma proposta conceitual unificada e atualizada. A análise dos quadros apresenta ocorrência de elementos da modalidade, com o predomínio dos gêneros memória e ensaio pessoal. E aponta o grande potencial do rádio, no contexto da convergência contemporânea das mídias, como um carreador de narrativas aprofundadas.

Palavras-chave

Jornalismo Literário; Mídia Sonora; Rádio CBN; Programa Conte sua História de São Paulo; Milton Jung.

A radiodifusão dissemina-se no mundo nas duas primeiras décadas do século 20. A primeira experiência pública, feita no Brasil, registrada na edição de 10/6/1900 do diário carioca *Jornal do Comércio*, relata a experiência realizada uma semana antes pelo padre gaúcho Roberto Landell de Moura (1861-1928), que fez o som da voz humana, sem o auxílio de fios, atravessar a distância de oito quilômetros, da Avenida Paulista à Santana, em São Paulo (Ferrareto, 2000:83).

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, de 1923, é considerada a primeira emissora regular e seu fundador, o médico brasileiro Edgard Roquette-Pinto, o pai da radiodifusão brasileira. O período que se estende até os anos 1960 é considerado a época de ouro desta mídia. Nesta fase, as transmissões, sempre ao vivo, contemplavam programação voltada ao entretenimento, na qual predominavam programas de auditório, radionovelas e humorísticos, bem como esportes (idem, 2000:112). Ainda segundo Ferrareto, docente da Universidade de Caxias do Sul (RS), o radiojornalismo cresce à medida que o país entra na Segunda Guerra Mundial. “O veículo adquire, desta forma, audiência massiva, tornando-se no início dos anos 50, principalmente por meio da (rádio) Nacional, a primeira expressão das indústrias culturais no Brasil”. (ibidem:113).

Gisela Swetlana Ortriwano, docente de Radiojornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo falecida em 2003, aponta oito características do rádio: 1) *linguagem oral*: “para receber a mensagem, é apenas necessário ouvir”; 2) *penetração*: alcança os pontos mais remotos; 3) *mobilidade*: do *emissor*, que transmite as informações mais rapidamente do que a televisão e do *receptor*, pois o ouvinte está livre de fios e tomadas, podendo ouvi-lo de qualquer

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



cômodo da casa ou mesmo fora dela; 4) *baixo custo*: os aparelhos receptores são bastante acessíveis em relação às demais mídias; 5) *imediatismo*: relacionado ao item 3, os fatos podem ser transmitidos com rapidez; 6) *sensorialidade*: “o rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um ‘diálogo mental’ com o emissor”; e 7) *autonomia*: também relacionado ao item 3, a pessoa pode receber a mensagem em qualquer lugar que esteja (Ortriwano, 1985: 79-81).

Destas sete características, destacamos a sensorialidade, como Ortriwano a define, uma vez que neste veículo a recriação do fato se dá por meio dos sons do emissor e da imaginação do receptor. Em outros meios, como a televisão e as mídias impressa e digital, a imaginação seria limitada pela presença de imagens. Segundo a autora, no rádio a imaginação é ativada “através da emocionalidade das palavras e dos recursos da sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um (idem: 80).

O dramaturgo alemão Werner Klippert também destaca a importância da locução e da sonoplastia, identificando três elementos constitutivos da peça radiofônica: a palavra, o ruído e a técnica. “A técnica da radiodifusão extraiu a voz do mundo dos cinco sentidos e a fez penetrar num espaço referencial acústico, de um só sentido, estruturado temporalmente. Este espaço pode ser preenchido pela voz de forma integral, num “primeiro plano”, ou pode ser verificado mediante a inclusão de outras vozes ou outros elementos acústicos” (Klippert, 2005:179). “O mundo, portanto, deve tornar-se voz (idem, 2005:176), numa relação com o conceito defendido pelo jornalista alemão especializado em música Joachim-Ernst Berendt (1922-2000), autor de *Nada Brahma*, para quem o *mundo é som* (Berendt, 1993).

A CBN e o rádio *all news*

No âmbito do radiojornalismo, um modelo interessante é o da rádio *all news* CBN (*Central Brasileira de Notícias*). Inaugurada em 1º de outubro de 1991, ela foi inspirada na CNN, rede de televisão a cabo estadunidense fundada pelo empresário Ted Turner em 1980 com a proposta de manter 24 horas de programação jornalística no ar. A busca do modelo, porém, começou antes. Já na década de 1980 a família Marinho resolveu investir no *Sistema Globo de Rádio* (SGR). De acordo com José Roberto Marinho, vice-presidente das *Organizações Globo*, a *Rádio Jornal do Brasil* não era uma emissora com destaque em radiojornalismo como as paulistas *Globo*, *Bandeirantes*, *Jovem Pan* e *Eldorado AM*. “Eu reconhecia o potencial daquele nicho e me ressentia porque a praça do Rio de Janeiro não tinha nada semelhante”. (Marinho, 2006: 16).

O modelo foi bem sucedido, contando hoje com quatro emissoras próprias (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte) e 24 afiliadas². Para tal, reúne aproximadamente 200 profissionais, entre repórteres, produtores, editores, âncoras e comentaristas envolvidos no preparo da programação focada no estrato social A e B. Em novembro de 1995, outra inovação: a emissora de São Paulo, que operava em AM, passou a replicar sua programação também em FM, ideia defendida pelo âncora Heródoto Barbeiro. Essa estratégia hoje é responsável pelo maior número de ouvintes (80% contra 20% da audiência AM), muitos deles presos no caótico trânsito paulistano.

Desde sua fundação, a figura do âncora é marcante na rádio CBN. O historiador e jornalista Heródoto Barbeiro, âncora do *Jornal da CBN* (segunda a sexta-feira, das 6h às 9h30, finais de semana das 6h às 9h), explica que: “O jornalismo interpretativo desenvolvido pelos âncoras amarra, explica e conduz o desenvolvimento do assunto.

² Dado fornecido por Mariza Tavares, diretora executiva da Rede CBN, em palestra ministrada na UniFIAMFAAM em 5/5/2010.



Raramente opinavam e opinam explicitamente. A função de opinar cabe aos comentaristas, que mantêm colunas que vão da política aos esportes, da economia ao mercado musical.”(Barbeiro, 2006: 38). De toda forma, é inegável que a personalidade dos âncoras imprime uma marca pessoal notável na condução dos programas, como a de um maestro regendo uma orquestra – o que, aliás, garante um sabor único à cada programa. O próprio *Jornal da Manhã*, ancorado por Barbeiro, traz como marcas o lastro em história, a consciência cidadã, ironia na justa medida e o olho vivo nos campeonatos de futebol, com as lúdicas intervenções com os demais membros da equipe (Barbeiro é declarada e apaixonadamente corintiano).

O programa seguinte, local, é chamado *CBN São Paulo* e vai ao ar em dias úteis das 9h30 às 12h e aos sábados, das 10h às 12h. Desde 2000, ele tem como âncora o jornalista gaúcho Milton Jung, aliás Milton Ferreti Jung Júnior. A exposição, entre outros motivos, o leva a ter página na enciclopédia livre Wikipedia, pela qual ficamos sabendo que Jung é filho de um conhecido radiojornalista gaúcho, Milton Ferretti Jung. Nascido em 1963³, Milton Jung formou-se na PUC do Rio Grande do Sul e começou na carreira jornalística na mesma rádio que o pai trabalhava, a Guaíba, tendo atuado como repórter no jornal *Correio do Povo*, na *Rádio Gaúcha* e na emissora de televisão *SBT*.

Jung chegou a São Paulo em 1991, aos 26 anos, como repórter na *Rede Globo de Televisão*, onde ficou dois anos. Em 1992, transferiu-se para a *TV Cultura*, onde apresentou os telejornais *60 Minutos* e *Jornal da Cultura* por sete anos, quando, em 1999, passou a integrar os quadros da *Rede TV!*, a extinta *TV Manchete*. Ficou por dois anos, até 2001. Entre 2004 e 2005, apresentou o *Jornal do Terra*, do portal homônimo.

O programa *Conte sua História de São Paulo*

O nome do programa define grandemente seu conteúdo: “Durante duas horas e meia, de segunda a sábado, o *CBN São Paulo* conta histórias da nossa cidade, muitas protagonizadas pelo ouvinte-internauta, essa figura que surgiu pouco antes da despedida do século 20” (Jung, 2006: 13). O profundo interesse nas memórias da cidade culmina em 2006 com a criação do quadro⁴ *Conte sua História de São Paulo*, uma homenagem aos 452 anos da cidade.

Jung conta que somente depois de propor a ideia do quadro à diretora executiva da Rede CBN, Mariza Tavares, tomou conhecimento do livro *Achei Que Meu Pai Fosse Deus* – e outras histórias da vida americana, do escritor Paul Auster, publicado no Brasil um ano antes, em 2005, pela editora paulistana Companhia das Letras. A obra contém a trajetória do *National Story Project*, cujo embrião foi uma entrevista que o autor concedeu ao programa *Weekend All Things Considered*, da *National Public Radio* (NPR). Ao término, Auster foi convidado a fazer um programa mensal nessa rede de emissoras públicas de rádio dos Estados Unidos.

O romancista não estava disposto a aceitar o convite, alegando falta de tempo. No entanto, sua esposa, a crítica de arte Siri Hustvedt, sugeriu ao marido que, em vez de ele escrever as histórias, talvez pudesse pedir aos ouvintes que mandassem as deles por carta ou *e-mail*. Ao escritor caberia a seleção – para ele, uma boa história deveria ser surpreendente, inesperada, real sim, mas tão improvável que parecesse ficção –, a leve reescrita, se necessário, e a leitura no ar. A ideia vingou e o *National Story Project* foi conduzido por Auster por três anos (1999 a 2001), sempre no primeiro sábado de cada

³ Dois dados da Wikipedia foram corrigidos a partir de entrevista realizada com o jornalista em 7/4/2010. O ano correto de nascimento e os anos que o profissional trabalhou na Rede Globo.

⁴ Embora na CBN o formato deste programa curto seja chamado de quadro, denominação compartilhada com a televisão, há autores que o definem de outras formas: “O formato de um programa de curta duração, que em média dura entre um e três minutos, é chamado de programete, pílula, dropses, boletim, entre outros” (...). (Prado, 2006: 67).



mês. Em um ano, o romancista recebeu mais de 4 mil histórias de diversos tipos, dos relatos lúdicos aos dramáticos, material selecionado para o livro (Auster, 2005). Os textos e os áudios do programa ainda podem ser acessados na internet por meio do *link* <<http://www.npr.org/programs/watc/features/1999/991002.storyproject.html>>.

No caso do programa brasileiro, *Conte sua História de São Paulo*, apenas a internet foi utilizada para que esse material chegasse à redação. “Um endereço de *e-mail* foi criado (contesuahistoria@cbn.com.br) e imaginei que receberíamos textos reproduzindo os fatos que estão publicados na literatura de São Paulo” (Jung, 2006: 14). Porém a abertura do canal tocou no imaginário e nas memórias relacionadas à cidade: “Sabia, também, que seria a oportunidade de reunir relatos de lendas transmitidas de uma geração a outra, segredos guardados em documentos de família e acontecimentos inusitados”. (idem).

O jornalista ficou surpreso com o material que passou a receber. “As primeiras mensagens sinalizavam que os autores não apenas haviam captado esta intenção como queriam percorrer um caminho próprio” (Jung, 2006: 14/15).

Qual caminho seria este? Na avaliação do jornalista, uma trilha bem criativa:

Perspicazes, entenderam que o quintal da casa poderia ser a síntese da cidade, o mendigo que brincava com os meninos revelaria uma das faces de São Paulo, o comportamento do motorista teria valor antropológico e o sorvete da criança se transformaria em marco de uma época. Das histórias mais simples que eram transmitidas surgiam novas: hoje se falava da menina moça que cruzava a praça de calça comprida, amanhã se iria escrever sobre o vento que balançava o vestido e movia os desejos adolescentes de um grupo de estudantes. E as duas motivavam uma terceira contando o fascínio que morar e estudar na capital provocavam. (Jung, 2006: 15)

O quadro, que inicialmente teria duração de duas semanas, acabou cativando espaço fixo na programação até hoje, em 2010. Cento e dez histórias do primeiro ano foram, ao longo de seis meses, organizadas pelo jornalista, que publicou em 2006 o livro *Conte sua História de São Paulo* pela editora Globo. Nela, o jornalista confirma que a obra foi inspirada na de Paul Auster (Jung, 2006: 16).

As colaborações dos ouvintes-internautas brasileiros tinham formato livre:

Em nenhum momento se impôs um modelo às histórias, nem mesmo houve limite de linhas, que no rádio se traduzem em tempo. Uns se resumiam a um parágrafo, outros se estenderam a várias laudas. Houve quem se esmerou na forma e no conteúdo; quem apenas se preocupou em descrever uma situação, sem compromisso com a linguagem e o estilo; quem reproduziu textos antigos, quem encaminhou livros de sua autoria; algumas fotografias chegaram anexadas e ajudaram a construir a cena. (Jung, 2006: 16).

Como veremos adiante na análise, o jornalista reconhece o papel fundamental que a locução e a sonorização têm no quadro, uma vez que ele está mais próximo da estrutura do conto no âmbito da literatura ou da peça radiofônica (com o planejamento dos efeitos sonoros em paralelo à construção da história⁵) do que do radiojornalismo.

O recorte e a coleta de dados

Esta análise compreende os 52 programas que foram ao ar no ano de 2009. A coleta do material foi feita em duas fases. Na primeira fase, realizada em janeiro de 2010, foi feito o *download* dos 39 programas disponíveis no blog do jornalista, que foram salvos em formato MP3 com o programa *Adobe Audition* (o arquivo disponível, em formato WMA, permite apenas a audição por meio do *Windows Media Player*, mas

⁵ Ver McLeish, Robert.



não a operação de salvá-lo como ocorre nos áudios do programa da *National Public Radio*). Os áudios dos 13 programas não disponibilizados no blog foram gentilmente fornecidos pelo jornalista em um CD em março de 2010, sendo que quatro deles também com a versão em texto.

Convém ressaltar que o *blog* não é impecável, uma vez que apresenta os conteúdos de forma irregular: não há regularidade de lançamento de conteúdo (nem todos estão presentes) nem dia certo de postagem. Contudo, ressaltam-se as evoluções realizadas ao longo do período. No primeiro programa de 2009 disponibilizado no blog, por exemplo, de 26 de janeiro (uma segunda-feira), que apresenta depoimento do escritor Ferréz, não há versão de texto nem crédito do sonorizador, importantes contribuições que foram agregadas ao longo do tempo (Jung; Ferrez, 2010).

O programa seguinte, de 31 de janeiro (disponibilizado no próprio sábado) é um depoimento-homenagem ao jornalista Baruel feito pela filha dele, Antonia Centrone, gravado no estúdio da rádio CBN montado no saguão do Teatro Eva Herz em homenagem aos 455 anos da cidade de São Paulo (Jung; Centrone, 2010). Ele já apresenta no blog o convite para que outros ouvintes contribuam com novas histórias: “Você pode enviar sua história em texto ou áudio para o endereço eletrônico contesuahistoria@cbn.com.br”.

O programa conta com a imagem da ouvinte, Antonia Centrone, que caracterizará 2010, quando parceria feita com o *Museu da Pessoa* inaugura nova fase do programa, uma vez que a equipe do museu passa a ser responsável pela seleção e gravação dos áudios na voz do ouvinte. Mas, em 2009, não são todas as histórias ilustradas (apenas 39,5%), em geral com imagens captadas no sistema de compartilhamento de fotografias Flickr. No conteúdo disponibilizado em 21/4/2009, uma terça-feira, a história *O Rolex de Meu Pai*, há uma chamada “Veja mais fotos como essa no *Álbum de Alexander Kruel*, no Flickr”, mas a inserção não é feita em todos os casos em que aparecem fotografias (Jung; Soderi, 2010).

No quesito texto, embora desde janeiro haja o convite para que os ouvintes contribuam com texto ou áudios, somente em 2 de maio (um sábado), com a história *O Leiteiro e a Vacaria*, o texto começa a ser apresentado na íntegra, embora inicialmente dividido em partes, na provável premissa de que os *hiperlinks* facilitariam a leitura. O mesmo programa traz outra inovação do blog: o ouvinte passa a ser identificado com destaque no início, após o título, marcadores e tags, tendo sua importância ressaltada:

Por Antonio Quadrado Ouvinte-internauta do CBN SP

Pode parecer pouco, contudo este detalhe revela uma diferença fundamental entre o depoente na perspectiva da história oral, que é considerado o autor da narrativa (Meihy, 1998) e o jornalismo, no qual o profissional é responsável pela história (Martinez, 2008: 24-25).

O programa seguinte, *O Penico*, disponibilizado em 15/5/2009 (uma sexta-feira), já traz a versão de texto na íntegra em um único bloco, agora sim facilitando a leitura e, sobretudo, o arquivamento. A autora, Suely Aparecida Schraner, foi a ouvinte-internauta mais fiel ao longo de 2009. Quatro histórias dela (*O Penico*, *O sorriso da alma*, *O Fusca* e *Transporte*⁶) foram selecionadas pelo programa.

Diferentemente da fase atual, 2010, com a coleta de textos e áudios feita pelo Museu da Pessoa, em 2009 a maioria das histórias (96%) foi enviada por anônimos. As

⁶ Esta última não está disponível no blog do jornalista.

duas exceções são a primeira história do ano, na verdade uma entrevista com o escritor Ferréz, já citada, e um depoimento enviado pelo cantor e compositor Guarabyra, da dupla Sá & Guarabyra, lido por Jung em 23/5/2009. A dupla fez sucesso nas décadas de 1970 e, sobretudo, 1980 com canções como *Dona* e *Espanhola*. Tratava-se, na verdade, de uma homenagem ao ex-parceiro musical Zé Rodrix, falecido em 22 de maio de 2009.



Enviada por Guarabyra, a charge de Erico San Juan dos cantores e compositores cariocas Sá (Luís Carlos Pereira de Sá), Zé Rodrix (José Rodrigues Trindade) e do baiano Guarabyra (Guttemberg Nery Guarabyra Filho) foi a única contribuição de ilustração encaminhada por ouvintes-internautas em 2009.

Outra inovação levará três meses para ser adotada. Em 15/8/2009, com a história *Nariz de Palhaço*, do ouvinte Tony Marlon, o blog passa a registrar o merecido crédito ao responsável pela sonorização, Cláudio Antônio (embora o crédito já fosse ao ar na versão em áudio, de forma regular, desde 21/4, e que outros sonorizadores tenham participado no início do ano). O registro é muito importante no caso brasileiro. Enquanto na versão americana há apenas a interação entre o ouvinte e o escritor Paul Auster, no caso brasileiro as histórias são uma construção baseada em um criativo tripé: o ouvinte-internauta, o jornalista e o sonorizador.

Na mesma edição de 15/8 há outro avanço: ao pé da história aparece a informação: *Você pode participar do Conte Sua História de São Paulo enviando texto ou arquivo de áudio para contesuahistoria@cbn.com.br. O programa vai ao ar sábados, às 10 e meia da manhã, no CBN SP.* O que não deixa de ser totalmente verdade, uma vez que o quadro não é inserido religiosamente no horário indicado, como acontece com outros exemplos da casa, como o *Momento do Brinde*, de Renato Machado, que vai ao ar no fim do programa *CBN Brasil*, ao redor das 14h em dias úteis. Na entrevista realizada em 7/4/2010, o jornalista explica que essa flexibilidade deve-se ao fato de não haver patrocinadores do quadro.

Nota-se, portanto, um empecilho para o ouvinte que deseja escutar apenas o quadro, uma vez que ele pode ficar obrigado a acompanhar entrevistas e discussões na qual não tem necessariamente interesse. Nesse sentido, quebra-se um dos elementos radiofônicos mais importantes, a sincronia (Menezes, 2007), ritmo que cria sentidos, organiza e serve de guia temporal/espacial para o ouvinte imerso no caos e nos múltiplos tempos tipicamente urbanos.

A questão da interatividade

Um ponto fundamental da mídia digital é a interatividade, ou seja, a possibilidade de o ouvinte-internauta dar sua opinião ou fazer contribuições à narrativa. A maior bronca dada por um ouvinte, por exemplo, teve como alvo a história *Namorar no Trânsito*, de Júlio Salles, que registra as divagações do ouvinte ao se deparar com moças bonitas ao volante enquanto dirigia pela cidade. O indignado comentário de Afonso Savaglia⁷:

⁷ Os comentários estão na íntegra, como aparecem no blog, não tendo sido editados.



Você deveria estar prestando atenção no trânsito!

Por causa de motoristas que deixam de prestar atenção no trânsito, ciclistas e outros veículos mais rápidos que automóveis sofrem seríssimas consequências.

Moral da história: “Ficou sem a mina, só foi prestar atenção no trânsito depois que a mina se mandou. Aposto que se vc tivesse o número do celular dela, ligaria de dentro do carro mesmo (que é proibido), e provavelmente aumentaria sua chance de causar um acidente devido sua falta de atenção!”

Carro MATA! Trânsito também! Peço por gentileza que preste atenção quando estiver conduzindo um veículo que pode matar um inocente! Reveja seus conceitos (Jung; Salles, 2009).

No entanto, este foi o único “puxão de orelha” a um ouvinte-internauta entre os 86 comentários feitos no período, embora haja três outros questionando políticas públicas, um deles explicitando a decepção com o governo federal (gestão Luis Lula Inácio da Silva) e, outro, o governo municipal paulistano (gestão Gilberto Kassab).

Das 39 histórias de 2009 liberadas no *blog*, notou-se uma média de 2 comentários por história. Média, uma vez que as seis histórias que mais incitaram a participação dos ouvintes-internautas foram:

1. **11 comentários:** *Chiove*, de Sérgio Mendes, postada em 7 de setembro.
2. **7 comentários:** *O Penico*, de Suely Schraner, postada em 15 de maio.
3. **7 comentários:** *Meu Brooklin*, de José Manuel Cascão Costa, postada em 5/10.

A história mais comentada, como talvez não pudesse deixar de ser numa cidade que sofre tanto com a temporada das águas, versa sobre as chuvas (Jung; Mendes, 2010). Uma versão poética, estruturada como um conto, sobre as chuvas na cidade, priorizando o centro paulistano, que evoca com nostalgia a terra da garoa. Protagonizada por um professor estrangeiro que luta para estudar e se estabelecer na cidade, a história é sonorizada pela música *E Chiove*, na voz de Zizi Possi, sugerida pelo próprio ouvinte.

Nas primeiras edições, o *Conte sua História* tinha seus textos ilustrados por uma música que falava da paixão do ouvinte pela cidade. A sensibilidade do radialista Paschoal Júnior, operador de áudio do *CBN São Paulo*, entendeu que alguns casos não se referiam a amor, eram um desabafo, um protesto, quase um pedido de socorro. Cada texto exigia uma pesquisa prévia, e a música deixou de ser acessório. Alguns autores enviaram sugestões, outros agradeciam pela escolha feita. Várias vezes recebemos mensagens de ouvintes-internautas que se sentiram tocados pela seleção musical. (Jung, 2006: 15).

Os comentários à história *E Chiove* registram atração/temor ao centro da cidade e a beleza da música, entre outros. Nota-se uma instigante interação do próprio autor, que recomenda a um ouvinte-internauta visitar o Parque da Luz e a Pinacoteca, bem como agradecimentos a intervenções de conhecidos. No geral, os comentários sugerem uma comunidade atenta ao quadro, aos autores e também às ações da CBN, como a campanha adote um vereador.

Em *O Penico* (Jung, Schraner, 2010b), a mais fiel ouvinte-internauta do programa no período, Suely Schraner, rememora de forma bem humorada seu emprego de vendedora nas *Lojas da Folia*, em Santo Amaro, em 1965, quando um dos itens comercializados eram os produtos do título. Num certo dia, a jovem de 15 anos inadvertidamente derruba a pilha de urinóis que ficava à frente da loja e, envergonhada, sai de fininho para nunca mais voltar. Os comentários novamente revelam uma rede social entre os comentaristas (*Você é que é motivo de orgulho e inspiração pra todos nós do curso de italiano*, em resposta da autora), mas também lembranças da loja mencionada. Contudo, um dos comentários aborda a questão da interpretação:



1. *Pablo Ventura:*
15 maio, 2009 as 19:41 Essa “História de São Paulo” não pode ficar aí no blog “sem comentário”. Gostei muito de ouvi-la na tua interpretação, Milton, que valorizou o texto da ouvinte Suely. Consigo imaginar o drama que ela viveu, mas garanto que, ao recordá-la, a autora ainda dá boas risadas
2. *suely aparecida schraner:*
16 maio, 2009 as 14:34 Você captou muito bem, Pablo. Endosso o que você disse. Na voz do Milton a história se valorizou. Era de chorar e, agora é pra rir mesmo.

No livro sobre o quadro, Jung chama a atenção para a importância da locução:

Interpretar o que um autor pretendia foi um desafio que eu tive de enfrentar. Temendo a leitura no tom errado que poderia distorcer o sentido, adaptei o discurso ao ritmo exigido pelo rádio, tendo em mente que o texto deve ser escrito para quem ouve e não para quem lê. Um exercício arriscado, pois se podia acrescentar uma informação ou diminuir uma frase, mas não seria legítimo mudar as características da história ou mexer no vocabulário que fazem parte da personalidade de quem a escreveu.

Os textos exigiram mudança na minha locução, acostumada pelo ritmo imposto pelo jornalismo diário, na leitura de notícias ou na pergunta direta ao entrevistado. A voz precisa refletir o pensamento do ouvinte-internauta. Descer aos timbres da emoção, percorrer o sentido desleixado de um bate-papo, soprar as palavras mais românticas, brincar com os sotaques e falar com o sorriso nos lábios. Exercitar a expressividade (Jung, 2006: 16).

Em seu texto, porém, Jung não ousa falar sobre o poder de a locução transformar uma história “trágica” em “cômica”, conforme notado pela autora. Neste contexto, podemos inseri-la no âmbito das narrativas de transformação apontadas por Edvaldo Pereira Lima, ex-docente do programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Lima, 2004).

O inglês Robert McLeish, consultor radiofônico que por 33 anos trabalhou na BBC, lembra o poder enriquecedor da música e da locução. “O meio radiofônico tem uma longa e eminente história de transformar pensamentos, palavras e ações em imagens na mente do ouvinte. Para tanto, utiliza as técnicas de dramatização. (McLeish, 2001: 179). Embora o autor esteja se referindo principalmente às peças radiofônicas, portanto no âmbito da ficção, a observação também é válida no tratamento radiofônico dado às histórias da vida reais apresentadas nesta mídia por meio do programa *Conte Sua História de São Paulo*.

Finalmente, e também com sete comentários, o texto *Meu Brooklin*, de José Manuel Cascão Costa (Jung; Costa, 2010) motiva a participação de sete ouvintes diferentes, alguns deles conhecidos do autor. No entanto, o ponto mais interessante destes comentários é o senso de pertencimento evocado, seja por nostalgia (quem não conheceu o bairro conforme descrito pelo autor) ou futurismo (moradores de outros bairros que relatam o desejo de conhecer o local). Dois ouvintes abordam questões ligadas ao jornalismo-literatura, ressaltando o formato de crônica do relato, bem como mencionando associação entre o texto e a fase da juventude em que o escritor americano Ernest Hemingway morou em Paris, relato que se encontra no livro *Paris é uma Festa*.

O quadro *Conte Sua História de São Paulo* e o Jornalismo Literário

Mais estudado em mídia impressa, o Jornalismo Literário também pode ser encontrado em mídia eletrônica (Martinez, 2009), seja de forma integral, como no *Programa Globo Rural*, ou parcial, por meio de alguns de seus elementos constituintes. E quais elementos seriam estes?

A comparação abaixo, entre cinco propostas diferentes ordenadas do ponto de vista cronológico, permite estabelecer algumas diretrizes do que fundamentalmente se



compreende, em 2010, por este movimento que preconiza uma abordagem mais profunda e elaborada da realidade:

<i>Kramer (1995)</i>	<i>ABJL (2000)</i>	<i>Pena (2006)</i>	<i>Lima (2008)</i>	<i>Passos & Orlandini (2008)</i>
<i>1. Imersão no assunto e pesquisa</i>	<i>1. Imersão</i>	<i>1. Potencializar recursos do jornalismo</i>	<i>1. Exatidão e precisão</i>	<i>1. Imersão</i>
<i>2. Pactos claros com fontes e leitores no que se refere à exatidão</i>	<i>2. Voz autoral</i>	<i>2. Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano</i>	<i>2. Contar uma história</i>	<i>2. Expansão</i>
<i>3. JL escrevem quase sempre sobre eventos rotineiros</i>	<i>3. Estilo literário</i>	<i>3. Proporcionar visão Ampla da realidade</i>	<i>3. Humanização</i>	<i>3. Precisão</i>
<i>4. Voz interior</i>	<i>4. Precisão de dados e informações</i>	<i>4. Exercitar a cidadania.</i>	<i>4. Compreensão</i>	<i>4. Subjetivação</i>
<i>5. Estilo</i>	<i>5. Uso de símbolos e metáforas</i>	<i>5. Romper com as correntes do lead</i>	<i>5. Universalização temática</i>	<i>5. Experimentação</i>
<i>6. Ponto de vista flexível e móvel</i>	<i>6. Digressão</i>	<i>6. Evitar definidores primários</i>	<i>6. Estilo próprio e voz autoral</i>	
<i>7. Estrutura conta</i>	<i>7. Humanização</i>	<i>7. Buscar a perenidade do texto</i>	<i>7. Imersão</i>	
<i>8. Desenvolvem de sentidos</i>			<i>8. Simbolismo</i>	
			<i>9. Criatividade</i>	
			<i>10. Responsabilidade social</i>	

A análise do quadro acima revela que das cinco propostas:

1. Cinco delas abordam a *estrutura textual*, seja no abandono dos lides ou no uso de técnicas literárias, como a digressão.
2. Quatro apontam a *imersão no assunto/pesquisa* como pontos importantes.
3. Quatro também ressaltam a relevância da exatidão da coleta de dados.
4. Três relatam como vitais a capacidade de interpretar, a partir dos fatos, aspectos simbólicos, desenvolvendo sentidos compreensíveis aos receptores.
5. Três enfatizam a autoria, enfatizando elementos como a voz e o estilo.

Estamos, portanto, diante de um quadro que basicamente divide as características fundamentais em três partes distintas:

1. **Apuração:** dois dos itens com maior ocorrência (2 e 3) referem-se à imersão no assunto, sugerindo a necessidade da pesquisa aprofundada, que pode ser realizada em diversas plataformas, de documentos, bancos de dados e acervos pessoal a mecanismos de busca, entre outros. Inclui igualmente o emprego das técnicas jornalísticas, como a entrevista. Vários métodos das

Ciências Sociais são oportunos, uma vez que autores como o antropólogo da comunicação belga, Yves Winkin, vê a relação entre o Jornalismo Literário e as pesquisas etnográficas (Winkin, 1998: 134-135).

2. **Digestão e compreensão do material apurado:** ocorrência significativa, citada em três das cinco propostas (item 4), enfatiza a questão simbólica, ressaltando a importância da compreensão do material coletado em níveis profundos, como o psicológico, social e histórico, entre outros. Nos estudos sobre criatividade, esta fase é chamada por muitos autores como digestão do material, isto é, após a pesquisa intensa, a reflexão que permite visualizar conexões e sentidos ainda não percebidos (Ray; Myers, 1996)⁸.
3. **Redação em estilo literário:** finalmente, o ponto com maior convergência entre as propostas (item 1, com 5 incidências) aborda a estrutura textual, possibilitando que o assunto bem apurado seja contado por meio do formato mais adequado, dependendo do local e espaço. Para isto, é imprescindível a maestria do autor na arte da escrita, com linguagem devidamente adequada aos veículos impressos, eletrônicos ou digitais. Assim, o tema apurado e refletido, expresso com voz autoral – isto é, a visão de mundo preferencialmente ampla que dá forma e sentido únicos assunto tratado – pode então ser relatado forma envolvente, recorrendo-se às inúmeras técnicas da literatura, como a citada digressão. Nesse sentido, estilo é apenas uma boa embalagem para um ótimo produto jornalístico, e não uma forma de acobertar deficiências de apuração ou domínio do tema⁹.

Nessa perspectiva, e fazendo uma releitura da proposta conceitual de Lima (ABJL, 2000), podemos compreender o Jornalismo Literário do século 21 como a modalidade de prática jornalística que emprega métodos de captação e observação da realidade das Ciências Sociais, área onde o jornalismo se insere. Uma vez selecionados, esses dados, ressignificados a partir da experiência do profissional, são redigidos com técnicas provenientes da literatura com o objetivo de criar um relato não-ficcional envolvente, que permita a compreensão aprofundada do tema. Cabe ao profissional, também, a escolha do gênero em que o relato será estruturado, sempre em sintonia com o local de publicação. Hoje os gêneros mais empregados em Jornalismo Literário são a reportagem, as histórias de vida (que comportam a biografia, perfil e a memória), as narrativas de viagem e o ensaio pessoal, como é definido nos Estados Unidos atualmente o gênero que discute um tema à luz da reflexão do autor (Lima, 2008: 431). No Brasil, na categorização proposta por Marques de Melo, o ensaio pessoal estaria relacionado à crônica (Melo, 2003). Qualquer que seja o gênero escolhido, o jornalista-escritor deve, portanto, ter grande domínio sobre o assunto, bem como da arte da escrita.

A partir desse pressuposto teórico, teria o quadro *Conte Sua História de São Paulo* elementos do Jornalismo Literário? Escritas por diferentes ouvintes-internautas, as histórias podem ser classificadas em memórias ou ensaios pessoais, de acordo com o nível de reflexão (de forma sintética, as memórias apenas narram o fato; já o ensaio

⁸ “Do ponto de vista cognitivo, o estudo do processo de criatividade remonta aos anos 1940, quando Jacques Hadamard (1865-1963) idealizou o modelo de quatro estágios: preparação, incubação, iluminação e verificação. Desde então, vários especialistas foram agregando ou excluindo certas etapas desse processo. Uma das mais completas é a proposta por Michael Ray e Rochelle Myers, que compreende seis estágios: gatilho, reunião de informações, digestão do material, incubação ou esquecimento do problema, insight ou inspiração súbita, implementação”. In: MARTINEZ, Monica. **O que é criatividade?** São Paulo: Paulinas, no prelo.

⁹ Outra forma classificatória viável seria aplicar a proposta de Cremilda Medina, de que a plenitude da Comunicação acontece na triplíce tessitura ética, técnica e estética (Medina, 2003: 50).

discute um tema por meio da pesquisa e vivência do autor sobre ele). Nas três histórias com mais comentários, por exemplo, podemos notar:

1. *E Chiove, de Sérgio Mendes*: ensaio pessoal sobre a cidade de São Paulo estruturado em forma de conto, que começa e termina com descrições do centro da cidade sob forte garoa. Nota-se a voz autoral, em frases como “Naqueles primeiros dias, ela ainda era as imagens dos livros que eu havia lido.”; “Neste percurso diário, aprendi sobre a vida de São Paulo que não estava na novela, sobre os rostos que não vão pra TV, que nunca vão e sempre estão. Eu via o Metrô. Eu via os carros. Eu pensava e caminhava.” (Jung; Mendes, 2010).
2. *O Penico, de Suely Schraner*: memória com descrições bem feitas e ricas onomatopeias (“Ela era a balconista mais jovem. Tinha 15 anos, pagava I.A.P.I. e ganhava metade do salário mínimo. (...) Naquele dia, trajava saia justa vermelha, blusa branca de *jabot* (voltou a moda) e usava delicada sandália, com saltinho de metal. Tac-tac-tac”). (Jung, Schraner, 2010b). Tem voz autoral e bem humorada, no que é auxiliada pela ótima locução de Milton Jung. Por conta do final inesperado, é uma das que mais se aproximam do critério de seleção usado por Paul Auster.
3. *Meu Brooklin, de José Manuel Cascão Costa*: memória que prima pelo tom nostálgico, que mexe com a imaginação do ouvinte ou leitor, uma vez que remete a uma São Paulo mítica que não existe mais. “Lembro-me das pequenas pontes sobre a Berrini, por exemplo, que em dias de enchente submergiam e desapareciam, não permitindo que atravessássemos para o outro lado. Pequenas pontes como essas, ou melhor pinguelas, também ligavam o Brooklin à Vila Olimpia, que começava do lado de lá da Avenida dos Bandeirantes. Lembro-me dos banhos nas lagoas da região, sobretudo numa, maior, que ficava exatamente onde é hoje o Shopping Morumbi.” (Jung; Costa, 2010).

É importante ressaltar que não houve propriamente um processo de edição das histórias, embora algumas delas tenham sido reescritas pelos próprios autores segundo recomendações do jornalista para que a linguagem e, sobretudo, o tamanho, se adequassem ao veículo.

Considerações finais

Em 2009, foram dois entraves principais para os ouvintes interessados em apreciar o programa *Conte Sua História de São Paulo*. O primeiro é o fato de o programa não ir ao ar às 10h30, conforme anunciado no blog (que, aliás, a partir de 5/12 informa genericamente que o programa entra “logo após as 10h30). O segundo é a falta de regularidade de atualização do mesmo, o que torna difícil ao ouvinte, na ausência de um ritmo externo, criar seu próprio marcador de tempo, programando-se para ouvi-lo no computador no horário que lhe for mais conveniente. Há até um comentário de uma ouvinte-internauta que informou que havia entrado para ouvir a história e que, não a encontrando, voltaria outra hora para lê-la.

Outro agravante é o fato de o áudio não estar disponível em formato MP3, nem permitir ser copiado (como ocorre no similar americano), o que dificulta que ele seja gravado em outras mídias e ouvido posteriormente, seja no próprio computador, no som da casa e/ou do carro ou em aparelhos pessoais portáteis, como MP3/4 ou Ipod. Como o próprio Jung ressalta na citada entrevista que muitos dos ouvintes-internautas usam o computador mais como uma máquina de escrever, trata-se de um grande empecilho, uma vez que poucos leigos conseguiriam instalar um programa específico e realizar por si mesmo as gravações da forma que estão atualmente disponibilizadas.



Outro agravante é que não é de todo fácil encontrar o material na internet. Na verdade, ele não está disponibilizado no *site* da rádio, porém no *blog* do jornalista – que é acessado por meio do portal da CBN. O blog, contudo, não é exclusivo do programa *Conte Sua História de São Paulo*, porém uma coluna do blog geral de Jung – não sendo rastreado por mecanismos de busca como o *Google*. Além disto, as histórias são indexadas por tags difíceis de serem localizadas no blog, sem mencionar que nem todas estão visíveis. Assim, para achar uma história, é preciso ou rastreá-la manualmente ou, se não houver indicações precisas sobre ela, pesquisá-la no mecanismo de busca interno referenciando o termo-chave e o nome do quadro.

Para finalizar, é preciso reconhecer que o blog apresentou grandes avanços em 2009 e que as observações acima são pequenas em comparação à grandiosidade do projeto e à beleza das histórias ali apresentadas.

Referências

ABJL (Academia Brasileira de Jornalismo Literário). **Conceitos**. Verbetes elaborados pelo prof. Edvaldo Pereira Lima. Disponível em:

<<http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>>. Acesso em: 10 out 2000.

AUSTER, Paul. **Achei que meu pai fosse Deus**: e outras histórias da vida americana. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BERENDT, Joachim-Ernst. **Nada Brahma** – a música e o universo da consciência. São Paulo: Cultrix, 1993.

JUNG, Milton. **Conte sua história de São Paulo**. São Paulo: Globo, 2006.

JUNG, Milton; CENTRONE, Antonia. Meu pai, o jornalista. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN**. Disponível em: <

<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/2009/01/31/conte-sua-historia-de-sao-paulo-meu-pai-o-jornaleiro>>. Acesso em: 2 fev. 2010.

JUNG, Milton; COSTA, José Manuel Cascão. Meu Brooklin. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN**. Disponível em: <

<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/2009/10/05/conte-sua-historia-de-sao-paulo-meu-brooklin/#more-6821>>. Acesso em: 28 jan. 2010.

JUNG, Milton; FÉRREZ. Ferréz, letras e amores. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN**. Disponível em: <

<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/2009/01/26/conte-sua-historia-de-sp-ferrez-letras-e-amores>>. Acesso em: 2 fev. 2010.

JUNG, Milton; GUARABYRA, Guttemberg. Carteirinhas da ordem. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN**. Disponível em: <

<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/2009/05/23/conte-sua-historia-carteirinhas-da-ordem-homenagem-ao-ze>>. Acesso em: 1º. fev. 2010.

JUNG, Milton; MARLON, Tony. Nariz de palhaço. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN**. Disponível em:

<<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/2009/08/15/conte-sua-historia-nariz-de-palhaco>>. Acesso em: 1º. fev. 2010.



- JUNG, Milton; MENDES, Sérgio. Chiove. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN.** Disponível em: < <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/category/conte-sua-historia-de-sao-paulo/page/3>>. Acesso em: 29 jan. 2010.
- JUNG, Milton; QUADRADO, Antonio. O leiteiro e a vacaria. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN.** Disponível em: < <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/2009/05/02/conte-sua-historia-o-leiteiro-e-a-vacaria>>. Acesso em: 2 fev. 2010.
- JUNG, Milton; SALLES, Júlio. Namorar no trânsito. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN.** Disponível em: < <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/category/conte-sua-historia-de-sao-paulo/page/3>>. Acesso em: 29 jan. 2010.
- JUNG, Milton; SCHRANER, Suely. O fusca. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN.** Disponível em: < <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/category/conte-sua-historia-de-sao-paulo/page/2>>. Acesso em: 29 jan. 2010.
- JUNG, Milton; SCHRANER, Suely Aparecida. O penico. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN.** Disponível em: < <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/2009/05/15/conte-sua-historia-o-penico>>. Acesso em: 2 fev. 2010.
- JUNG, Milton; SCHRANER, Suely. O sorriso da alma. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN.** Disponível em: < <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/category/conte-sua-historia-de-sao-paulo/page/3>>. Acesso em: 29 jan. 2010.
- JUNG, Milton; SODERI, Rubens. O rolex do meu pai. **Conte Sua História de São Paulo. Rádio CBN.** Disponível em: < <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/2009/04/21/conte-sua-historia-o-rolex-do-meu-pai>>. Acesso em: 2 fev. 2010.
- KLIPPERT, Werner. “Elementos da Peça Radiofônica”. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio** – textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005, volume 1.
- KRAMER, Mark. *Breakable Rules for Literary Journalists*. In: SIMS, Norman; KRAMER, Mark. **Literary Journalism: a new collection of the best american nonfiction**. Nova York: Ballantine Books, 1995, p. 21-34.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Narrativas que inspiram transformação**. ABJL. Disponível em: <<http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=f120040907153410&category=ensaios&lang=>>> Acesso em: 28 set 2004.
- _____. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2008.
- MARINHO, José Roberto. *Rádio como Exercício de Cidadania*. In: TAVARES, Marisa; FARIA, Giovanni (orgs.) **CBN: a rádio que toca notícia**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.
- MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói** – estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.



- . **Programa Globo Rural:** Um exemplo de Jornalismo Literário em mídias eletrônicas. Disponível em: < sec.adtevento.com.br/intercom/2009/resumos/R4-1227-1.pdf>. Acesso em 12 dez 2009.
- MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio** – um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.
- MEDINA, Cremilda. **A Arte de Tecer o Presente** – narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1998.
- MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Campos do Jordão/SP: Mantiqueira, 2003.
- MENEZES, José Eugenio de. **Rádio e Cidade** – vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio** – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- PASSOS, Mateus; ORLANDINI, Romulo Augusto. **Um Modelo Dissonante:** caracterização e gêneros do jornalismo literário. Disponível em: < www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/.../R3-0123-3.pdf>. Acesso em: 30 dez 2008.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PRADO, Magaly. **Rádio** – um manual prático. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- RAY, Michael; MYERS, Rochelle. **Criatividade nos Negócios** – baseado no curso da Universidade de Stanford que revolucionou a arte do sucesso. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- TAVARES, Marisa; FARIA, Giovanni (orgs.) **CBN:** a rádio que toca notícia. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.
- WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação:** Da teoria ao trabalho de campo. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1998.